

## A Cartilha da Amazônia

A História destes dois livrinhos começou quando, em 1973, resolvi fazer uma cartilha de alfabetização que, além de levar os alunos a aprender rapidamente a ler, ensinasse-os, também, certas idéias que, em grande parte, permaneceriam para sempre em suas cabecinhas. Tais idéias, para representarem verdades perenes, para terem utilidades para a vida daquele pequenino ser, deveriam ser éticas e ter um grande respaldo científico.

Em novembro de 1974 fui convidado por sua Exa. o Dr. José Dion de Melo Teles, Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para ocupar o trabalhoso cargo de Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia — INPA. Tal convite chegou quando eu estava vivendo um drama pessoal, isto é, questionava-me sobre como utilizar melhor os meus conhecimentos em prol do povo brasileiro ao qual eu devia a minha naturalidade, minha nacionalidade, minha formação científica, minha cultura, e toda a minha fonte de rendimento. Conteí, nesse momento, para meu entusiasmo, com a deliberação muito forte do Dr. Dion de Melo Teles, em querer fazer que o Museu Goeldi e o INPA realizassem uma enorme tarefa no cenário científico e tecnológico da Amazônia. Entreguei-me, portanto, ao trabalho de fazer um plano preliminar das necessidades imediatas e um plano de ação para continuar a obra dos antigos diretores: o alvo era dar grande amparo científico a uma das regiões mais necessitadas, do Brasil, nesse aspecto. Assumi em 20 de março de 1975.

A 25 de março de 1975, ao discutir algumas idéias com S. Exa. o Ministro Henoch da Silva Reis, DD. Governador do Estado do Amazonas, numa conversa sem formalidades, fiquei satisfeitíssimo com a receptividade e com o entusiasmo que teve, e com o desejo que manifestou de que tal Cartilha fosse realizada a fim de ser adotada no Amazonas. Tal entusiasmo contaminou logo o Sr. Paraguassú Pinheiro de Oliveira, Diretor da Imprensa Oficial e, mais tarde, o Dr. Mário Coelho Amorim, DD. Secretário de Estado da Educação e Cultura. Todos sempre que podiam, estimulavam-me na realização da **Cartilha da Amazônia** (nome esse dado pelo Ministro Henoch Reis).

Numa conferência que fiz, em Ribeirão Preto, um amigo meu, Dr. Otávio Machado, comunicou-me que a Prof.<sup>a</sup> Geraldina Porto Witter, do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, era a única especialista em Cartilhas, em todo o Brasil, que utilizava os métodos de Keller. Convenci a Dra. Geraldina Porto Witter para vir a Manaus. Em 29 de maio de 1975 ela aqui chegou e entusiasmou-se com a obra e, também, com as modificações propostas, ou seja, a introdução de princípios éticos, de vivência, e científicos na Cartilha. Foi feita uma Comissão local para levantamento da linguagem infantil do Amazonas,

composta da Prof.<sup>a</sup> Dra. Geraldina Porto Witter, Prof.<sup>a</sup> Freida Bittencourt, Prof. Aloysio de Azeredo Coutinho e 6 alunos, todos da Universidade do Amazonas. Foi então iniciada a gravação de fitas contendo conversas entre garotos de Manaus. As fitas gravadas foram enviadas a São Paulo e analisadas pela Dra. Geraldina e seus alunos. Gradualmente, ela nos foi enviando as páginas que foram sendo ilustradas com os desenhos do pesquisador do INPA e grande desenhista, Dr. Ozorio José de Menezes Fonseca. Ao mesmo tempo preparei os textos com as mensagens de ciência e ética.

Em fevereiro de 1976 foi feito o primeiro teste da Cartilha em cursos experimentais e foi preparado o primeiro grupo de professoras. Desse momento em diante, assumiu a direção dos testes a Prof.<sup>a</sup> Maria Amélia Antunes Ramos e suas auxiliares, Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Farias Evangelista, Prof.<sup>a</sup> Sumaran da Silva Bastos, e suas voluntárias Prof.<sup>a</sup> Rosa Luiza Loureiro de Oliveira, Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Bernardes Monteiro e Prof.<sup>a</sup> Sulamita Alves Bohadana. Esses testes foram realizados em 3200 crianças, instruídas por 88 professoras e 3420 crianças-controle.

Logo nos primeiros resultados, verificou-se que os alunos que usavam a **Cartilha da Amazônia**, haviam aprendido 25% mais palavras que os da cartilha que foi 2.<sup>a</sup> colocada. Todavia, os dados mais lindos e inesperados foram os referentes a evasão escolar, que foi apenas 3% nos alunos que usaram a Cartilha e, em média, 11% nos outros.

Os resultados globais dos primeiros 8 meses dos testes, não obstante nos parecerem espetaculares quando comparados às demais cartilhas, especialmente quanto ao conhecimento científico adquirido pelos alunos, indicaram-nos a grande necessidade de prepararmos um **Livro para o Professor**, que desse ao mestre as bases teóricas da Cartilha e o auxiliasse a dar informações sobre as palavras utilizadas na Cartilha, que fossem de interesse e utilidade para o aluno.

São esses dois volumes que a eficiente administração estadual do Amazonas editou e, a 14 de março de 1977, entregou, publicamente, às crianças do Amazonas.

*Warwick Estevam Kerr*